

A SEMANA – 220*

16 de agosto de 1896

Esta semana é toda de poesia. Já a primeira linha é um verso,¹ boa maneira de entrar em matéria. Assim que, podeis fugir daqui, filisteus de uma figa, e ir dizer entre vós, como aquele outro de Heine: “Temos hoje uma bela temperatura.”² O que sucedeu em prosa nestes sete dias merecia decerto algum lugar, se a poesia não fosse o primeiro dos negócios humanos ou se o espaço desse para tanto; mas não dá. Por exemplo, não pode conter tudo o que sugere a reunião dos presidentes de bancos de nossa praça. Chega, quando muito, para dizer que o remédio tão procurado para o mal financeiro, – e naturalmente econômico, – foi achado depois de tantas cogitações.³ Os diretores, acabada a reunião, voltaram aos seus respectivos bancos e a taxa de câmbio subiu logo 1/8. A *Bruxa*⁴ espantou-se com isto e declarou não entender o câmbio. A poetisa Elvira Gama parecia havê-lo entendido, no soneto que ontem publicou aqui.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 229, p. 1, 16 ago. 1896), SEMMA (p. 343-347) e SEM1953 (v. 3, p. 250-256). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ A frase inicial da crônica é um verso decassílabo heroico. José Américo Miranda (2017, p. 331) observa que “Machado de Assis, ouvido atento de poeta treinado, não confunde prosa com verso. Em diversos pontos de suas crônicas ele percebe que expressou algo na exata medida de um verso.” A presença de versos na prosa desagradava ao cronista.

² Tradução de “Es ist heute eine schöne Witterung!” – frase citada logo adiante, nesta crônica –, do livro *Reise von München nach Genua* (1830), de Heinrich Heine (1855, p. 7). Não identificamos o autor da tradução. Seria o próprio Machado de Assis? Servimo-nos de tradução francesa (HEINE, 1856, t. II, p. 3) – “Il fait aujourd’hui une belle température.” Machado traz o termo “filisteu” do texto de Heine, para afastar de sua crônica as pessoas incultas, vulgares, convencionais, desprovidas de inteligência ou imaginação artística ou intelectual. A frase citada é o modo usual de essas pessoas iniciarem uma conversação, via de regra, banalíssima. E a semana “toda de poesia” é assunto sofisticado – não é para filisteus.

³ A *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 224, p. 1, col. 3, 11 ago. 1896) registrou a reunião de gerentes de bancos ocorrida na semana: “No Banco da República do Brasil o Sr. conselheiro Pena reuniu ontem de manhã os gerentes de todos os bancos estrangeiros, o Sr. visconde de Guaí e o Sr. comendador Porto. A conferência não foi longa e logo que ela terminou e os cavalheiros que nela tomaram parte voltaram aos seus estabelecimentos[:] as tabelas de câmbio passaram de 9 a 9 1/8. O Sr. conselheiro Pena dirigiu-se depois para o Itamaraty.” Uma discussão sobre problemas financeiros do Brasil e eventuais soluções estava em curso nos jornais cariocas. Sobre discussões na imprensa, ver notas 2 e 4 de “A Semana – 215”, de 12 de julho de 1896, e nota 7 de “A Semana – 218”, de 2 de agosto de 1896, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

⁴ Olavo Bilac (1865-1918) e o ilustrador português Julião Machado (1863-1930) dirigiam a revista *A Bruxa* (fev. 1896 a jun. 1897).

Doce câmbio...

Mas trata de amores, como se vê da segunda parte do verso:

... de seres atraídos,
Ligados pela ação de igual desejo.⁵

Eu é que o entendi de vez.⁶ A primeira reunião fez subir um degrau, a segunda fará subir outro, e virão muitas outras até que o câmbio chegue ao patamar da escada. Aí⁷ convidá-lo-ão a descansar um pouco, e, uma vez entrado na sala, fechar-lhe-ão as portas e deixá-lo-ão bradar à vontade. – Estás a 27, responderão os diretores de banco, podes quebrar os trastes e a cabeça, estás a 27, não desces de 27.⁸

Quanto à desavença entre a bancada mineira e a bancada paulista, outro assunto de prosa da semana, menos ainda pode caber aqui, ele e tudo o que sugere relativamente ao futuro.⁹ Digo só que aos homens políticos da nossa terra ouvi sempre este axioma: que os partidos são necessários ao governo de uma nação. Partidos, isto é, duas ou mais correntes de opinião organizadas, que vão a todas as partes do país. Na nossa federação esta necessidade é uma condição de unidade. A câmara tem tantas bancadas quantos Estados; o próprio Rio de Janeiro, que por estar mais perto da capital cheira ainda a província, e o Distrito Federal, que constitucionalmente não é Estado, têm cada um a sua bancada particular.¹⁰ Ora, todas essas bancadas não só impedirão a formação dos

⁵ Ver o soneto (fac-símile) ao final desta crônica. Na *Gazeta* a segunda parte do primeiro verso e o segundo verso vêm alinhados entre si à esquerda, a uma distância equivalente a duas entradas de parágrafo.

⁶ vez.] ver. – em GN. Adotamos a lição de Aurélio, que, aliás, já vinha em Mário de Alencar.

⁷ Aí] Até – em GN. Aurélio (1953, v. 3, p. 251) corrigiu, seguindo Mário de Alencar, e anotou: “Na *Gazeta de Notícias* está ‘Até’, provável erro de revisão, já corrigido nas ed. anteriores de *A Semana*.”

⁸ John Gledson, em “A Semana – 172”, de 15 de setembro de 1895 (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 219-223, nota 10, jul.-dez. 2021), anotou: “O câmbio estava ainda estagnado em baixa, ao redor dos 10 $\frac{3}{4}$ pence por mil-réis. Nem no império chegou perto dos 34 – o ‘normal’ era 27 pence.”

⁹ A *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 225, p. 2, col. 4, 12 ago. 1896) registrou um “conflito interestadual [...] que produziu um rompimento de relações entre as bancadas mineira e paulista”. As desavenças se resolveriam mais tarde por meio de um acordo posto em prática a partir da presidência de Campos Sales (1898-1902), a que se atribuiu o nome de “política do café com leite”. Esse arranjo perdurou até 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder.

¹⁰ A Constituição de 1824 estabeleceu que o Brasil era “um Estado unitário em que, a rigor, não havia poder local. Toda autoridade era rigorosamente centralizada na capital do Império [Rio de Janeiro] e nos poderes que a Constituição criou e dos quais derivavam todas as emanções da força do Estado. O rigor desse unitarismo se estabelecia exatamente a partir de uma vigorosa centralização política e administrativa.” (NOGUEIRA, 2012, p. 21) A Carta de 1824 estabelecia, ainda: “Art. 165. Haverá em cada Província um Presidente, nomeado pelo Imperador, que o poderá remover, quando entender, que assim convém ao bom serviço do Estado.” (NOGUEIRA, 2012, p. 83) A Constituição de 1891 não obrigava estados a uniformizarem denominações de cargos do executivo ou do legislativo: um estado dava o nome de “governador” e outro o de “presidente” ao chefe do poder executivo; “prefeito” era “intendente” ou “superintendente”; e “vereador”, por vezes, era designado “intendente”. (Ver BALEEIRO, 2012, p. 34) A Carta de 1891 estabeleceu, ainda: “Art. 2º Cada uma das antigas províncias formará um Estado, e o antigo município neutro constituirá o Distrito Federal, continuando a ser a capital da União, enquanto não se der execução ao disposto no artigo seguinte. [...] Art. 3º Fica pertencendo à União, no planalto central da República uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura Capital Federal.” (BALEEIRO, 2012, p. 65)

partidos, mas podem chegar a destruir o único partido existente e fazer da câmara uma constelação de sentimentos locais, uma arena de rivalidades estaduais. Quando muito, os Estados pequenos mergulharão nos grandes, e ficaremos com seis ou sete reinos, ducados e principados, dos quais mais de um quererá ser a Prússia.¹¹

Entro a devanear. Tudo porque não me deixei ir pela poesia adiante. Pois vamos a ela, e comecemos pelo quarto jantar da *Revista Brasileira*, a que não faltou poesia nem alegria.¹² A alegria, quando tanta gente anda a tremer pelas falências no fim do mês, é prova de que a *Revista* não tem entranhas ou só as tem para os seus banquetes. Ela pode responder, entretanto, que a única falência que teme deveras é a do espírito. No dia em que meia dúzia de homens não puderem trocar duas dúzias de ideias, tudo está acabado, os filisteus tomarão conta da cidade e do mundo e repetirão uns aos outros a mesma exclamação daquele de Heine: *Es ist heute eine schöne Witterung!*¹³ Mas enquanto o espírito não falir, a *Revista* comerá os seus jantares mensais até que venha o centésimo, que será de estrondo. Se eu me não achar entre os convivas, é que estarei morto; peço desde já aos sobreviventes que bebam à minha saúde.

A demais poesia da semana consistiu em três aniversários natalícios de poetas: o de Gonçalves Dias a 10, o de Magalhães e Carlos a 13.¹⁴ O único popular destes poetas é ainda o autor da *Canção do exílio*. Magalhães teve principalmente uma página popular, que todos os rapazes do meu tempo (e já não era a mesma geração) traziam de cor.¹⁵ O Carlos não chegou ao público. Mas são três nomes nacionais, e o maior deles tem a

¹¹ No século XIX, os Estados alemães se uniram, com a criação do Império Alemão, sob liderança da Prússia. Otto von Bismarck, o chanceler de ferro, prussiano, foi o estadista responsável pela unificação alemã. Foi a primeira vez que os países germânicos conheceram na sua história a existência de um Estado nacional único.

¹² A notícia do jantar vem em crônica da série “Às quintas”, de Lulu Sênior (Ferreira de Araújo, 1848-1900), na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 226, p. 1, col. 1, 13 ago. 1896). No número do jornal que foi digitalizado (Hemeroteca Digital Brasileira), o texto da crônica de Lulu Sênior está parcialmente danificado (rasgado) na parte inferior, o que impediu a leitura de alguns de seus trechos.

¹³ Ver nota 2.

¹⁴ Gonçalves Dias (10 ago. 1823 – 3 nov. 1864), sobre o qual não é necessário dizer nada; Domingos José Gonçalves de Magalhães (13 ago. 1811 – 10 jul. 1882) publicou *Suspiros poéticos e saudades*, obra que, segundo historiadores da literatura brasileira, foi o marco inicial do romantismo brasileiro; e, provavelmente, Frei Francisco de São Carlos (13 ago. 1763 – 5 maio 1829), que publicou em 1819 a *Assunção*, poema em oito cantos em honra da Santa Virgem, pela Imprensa Régia, que lhe garante lugar de destaque na poesia brasileira.

¹⁵ A “página popular, que todos [...] traziam de cor” era “Napoleão em Waterloo”, poema de *Suspiros poéticos e saudades* (1836), de Domingos Gonçalves de Magalhães. Em “A Semana – 169”, de 25 de agosto de 1895 (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 201-205, jul.-dez. 2021), Machado de Assis escreveu: “O nosso Domingos de Magalhães foi diplomata e poeta. Não conheço as suas notas, mas li os seus versos, e regalei-me em criança com o *Antônio José*, representado por João Caetano, para não falar no *Waterloo*, que mamávamos no berço, com a *Canção do exílio* de Gonçalves Dias.” As “notas” a que o cronista se refere devem ser as redigidas por ele no exercício de suas funções diplomáticas. Gonçalves de Magalhães publicou também o livro *Comentários e pensamentos*, em 1880. Seriam essas as notas que Machado confessa não ter lido?

estátua que lhe deu a sua terra.¹⁶ Não indagemos da imortalidade. Bocage, louvado por Filinto, improvisou uma ode entusiástica, fechada por esta célebre entonação: *Posteridade, és minha!*¹⁷ E ninguém já lia Filinto, quando Bocage ainda era devorado. O próprio Bocage, a despeito dos belos versos que deixou, está pedindo uma escolha dos sete volumes, – ou dos seis, para falar honestamente.

Justamente anteontem conversávamos alguns acerca da sobrevivência de livros e de autores franceses deste século. Entrávamos, em bom sentido, naquela falange de Musset:

Électeurs brevetés des morts et des vivants,¹⁸

e não foi pequeno o nosso trabalho abatendo cabeças altivas. Nem Renan escapou, nem Taine;¹⁹ e, se não escapou Taine, que valor pode ter a profecia dele sobre as novelas e contos de Mérimée? “*Il est probable qu’en l’an 2000 on relira la PARTIE DE TRIC-TRAC, pour savoir ce qu’il en coûte de manquer*”²⁰ *une fois à l’honneur*”.²¹ Taine não fez como os profetas hebreus, que afirmam sem demonstrar; ele analisa as causas da vitalidade das novelas de Mérimée, os elementos que serviram à composição, o método e a arte da composição. O tempo dirá se acertou; e pode suceder que o profeta acabe antes da profecia e que no ano 2000 ninguém leia a *História da literatura inglesa*, por mais admirável que seja este livro.

¹⁶ Em crônica da série “Ao Acaso” (1864-65), publicada no *Diário do Rio de Janeiro* em 29 de novembro de 1864, Machado de Assis escreveu: “Depois de escrita a revista, chega a notícia da morte de Gonçalves Dias, o grande poeta dos *Cantos* e dos *Timbiras*. // A poesia nacional cobre-se portanto de luto. Era Gonçalves Dias o seu mais prezado filho, aquele que de mais louçanias a cobriu. // Morreu no mar, – túmulo imenso para o seu imenso talento. // Só me resta espaço para aplaudir a ideia que se vai realizar na capital do Maranhão: a ereção de um monumento à memória do ilustre poeta. // A comissão encarregada de realizar este patriótico pensamento compõe-se dos Srs. Antônio Rego, Dr. Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, Francisco Sotero dos Reis, Pedro Nunes Leal e Dr. Antônio Marques Leal. // Não é um monumento para o Maranhão, é um monumento para o Brasil. A nação inteira deve concorrer para ele.” (*Diário do Rio de Janeiro*, ano XLIV, n. 328, p. 1, 29 nov. 1864)

¹⁷ O cronista citou essa passagem em “A Semana – 162”, de 7 de julho de 1895 (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 161-166, nota 13, jul.-dez. 2021). John Gledson, na edição da crônica, anotou: “Numa ‘Ode ao Senhor Francisco Manoel de Nascimento, em resposta à Ode antecedente’, Bocage (Manuel Maria Barbosa du Bocage, 1765-1805), sob o pseudônimo arcádico de Elmano Sadino, vangloriou-se do poema de Filinto ‘Lendo os teus versos, numeroso Elmano’. O poema termina: ‘Fadou-me o grande Filinto, um vate, um nume, / Zoilos! Tremei. Posteridade! És minha.’”

¹⁸ “Eleitores patenteados dos mortos e dos vivos” [Trad. nossa], verso do poema “Les secrètes pensées de Rafael”, de Alfred de Musset (1907, p. 121), poeta e dramaturgo francês. Machado de Assis tinha grande afinidade com sua obra, o que o levou a traduzir o poema “Lucie”, com o título “Lúcia”, e a escrever peças de teatro nos moldes dos “provérbios” (gênero teatral) de Musset. O provérbio “é sempre uma comédia em um ato, no máximo dois, com uma ação simplificada, em que se desenvolve um provérbio.” (PINTO, 2020, p. 90) Sobre o diálogo intertextual entre Machado e Musset, ver FARIA (2006, p. 364-384). Ver, também, nota 1 de “A Semana – 197”, crônica de 8 de março de 1896, neste número da *Machadiana*.

¹⁹ Joseph Ernest Renan (1823-1892), escritor, filósofo, filólogo e historiador francês. Hippolyte Taine (1828-1893), crítico literário e historiador francês, autor da *História da literatura inglesa*, citada neste mesmo parágrafo por Machado de Assis.

²⁰ *coûte de manquer*] *coûte manquer* – em SEM1953.

²¹ “É provável que no ano 2000 leiamos *La partie de trictrac* [obra de Prosper Mérimée, 1803-1870], para saber o que custa perder uma vez o centro das atenções.” (TAINÉ, 1903, p. 225) [Trad. livre nossa]

Mas no ano 2000 os contos de Mérimée terão século e meio. Que é século e meio! No mês findo, o poeta laureado de Inglaterra²² falou no centenário da morte de Burns,²³ cuja estátua era inaugurada; parodiou um dito antigo, dizendo enfaticamente que não se pode julgar seguro o renome de um homem antes de 100 anos depois dele morto. Concluiu que Burns chegara ao ponto donde não seria mais derribado. Não discuto opiniões de poetas nem de críticos, mas bem pode ser que seja verdadeira. Em tal caso, o autor de *Carmen*²⁴ estará igualmente seguro, se o seu profeta acertou. Resta lembrar que a vida dos livros é vária como a dos homens. Uns morrem de vinte, outros de cinquenta, outros de cem anos, ou de noventa e nove, para não desmentir o poeta laureado. Muitos há que, passado o século, caem nas bibliotecas, onde a curiosidade os vai ver, e donde podem sair em parte para a história, em parte para os florilégios. Ora, esse prolongamento da vida, curto ou longo, é um pequeno retalho de glória. A imortalidade é que é de poucos.

Não há muito, comemoramos o centenário de José Basílio,²⁵ e ainda ontem encontrei o jovem de talento e gosto que iniciou essa homenagem. Hão de lembrar-se que não foi ruidosa; não teve o esplendor da de Burns, cuja sombra viu chegar de todas as partes do mundo em que se fala a língua inglesa presentes votivos e deputações especiais. O chefe do partido liberal presidia às festas, onde proferiu dois discursos. Cá também eram passados cem anos; mas, ou há menos²⁶ expansão aqui em matéria de poesia, ou o autor do *Uruguai* caminha para as bibliotecas e para a devoção de poucos. Não sei se ao cabo de outro século haverá outro Magalhães²⁷ que inicie uma celebração. Talvez já o poeta esteja unicamente nos florilégios com alguns dos mais belos versos que se têm escrito na nossa língua. É ainda uma sombra de glória. A moeda que achamos entre ruínas tem o preço da antiguidade; a do nosso poeta terá a da própria mão que lhe deu cunho. Se afinal se perder, haverá vivido.



²² Poeta laureado é um título oficial concedido pelo governo. Na data desta crônica, o poeta laureado de Inglaterra era Alfred Austin (1835-1913).

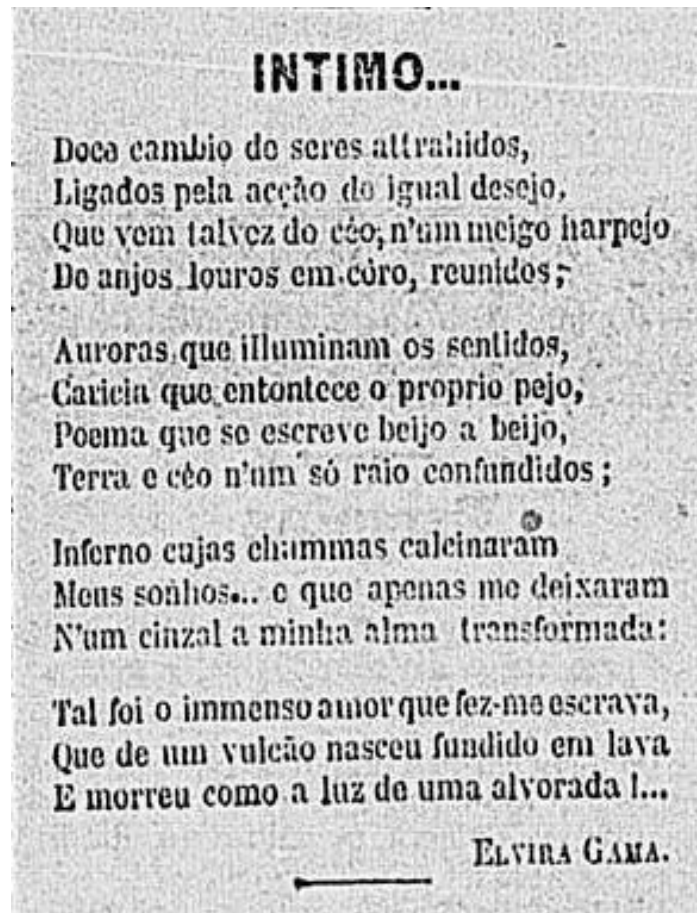
²³ Robert Burns (1759-1796), poeta escocês.

²⁴ *Carmen*] *Cármén* – em SEM1953.

²⁵ José Basílio da Gama (8 abril 1741 – 31 jul. 1795), autor de *O Uruguai* (1769).

²⁶ menos] menor – em SEMMA e em SEM1953.

²⁷ A *Gazeta de Notícias* (ano XXI, n. 188, p. 2, col. 1, 7 jul. 1895) informou que a ideia da homenagem a Basílio da Gama era de Teodoro (*sic*) de Magalhães. A mesma *Gazeta* (ano XXI, n. 212, p. 1, col. 6-7, 31 jul. 1895) dedica longa matéria, não assinada, ao escritor árcade em seu centenário de morte, com informações biobibliográficas. Machado de Assis se referiu a Teotônio Magalhães em “A Semana – 166”, de 4 de agosto de 1895 (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 185-188, 2021): “Antes de escrever o nome de Basílio da Gama, é força escrever o do Dr. Teotônio de Magalhães. A este moço se deve principalmente a evocação que se fez esta semana do poeta do Uruguai.”



“Íntimo...”, soneto de Elvira Gama

FONTE: *Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 228, p. 1, 15 ago. 1896.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de [M. A.]. Ao acaso. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XLIV, n. 328, p. 1, 29 nov. 1864.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 229, p. 1, 16 ago. 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14739>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BALEEIRO, Aliomar. *Constituições brasileiras: 1891*. 3. ed. Brasília: Senado Federal, 2012.

DICIONÁRIO do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos. Coordenação de J. Guinsburg, João Roberto Faria, Mariângela Alves de Lima. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FARIA, João Roberto. Machado de Assis, leitor de Musset. *Teresa*, revista de literatura brasileira, São Paulo, n. 6-7, p. 364-384, 2006.

FARIA, J. R. Machado de Assis, leitor e espectador do teatro francês. In: Torres Neto, Walter Lima. (Org.) *Teatro em francês: quando o meio não é a mensagem*. Curitiba: Editora UFPR, 2018. v. 1, p. 13-36.

HEINE, Heinrich. *Reisebilder: tableaux de voyage*. Paris: Michel Lévy Frères, 1856. t. II.

HEINE, Heinrich. *Sämmtliche Werke (Reise von München nach Genua)*. Amsterdam: M. H. Binger e Söhne, 1855. t. II.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves. *Comentários e pensamentos*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1880. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=39368>>.

MIRANDA, José Américo. Uma poética da crônica em Machado de Assis? *O Eixo e a Roda*, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 319-341, 2017. (Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/10657>)

MUSSET, Alfred de. Lucie. *Revue des Deux Mondes*, tome deuxième, quatrième série, Paris, Au Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1835, p. 617-620.

MUSSET, Alfred de. *Premières poésies* (1829-1835). Paris: Bibliothèque Larousse, 1907.

NOGUEIRA, Octaciano. *Constituições brasileiras: 1824*. 3. ed. Brasília: Senado Federal, 2012. v. 1.

PINTO, Nilton de Paiva. *O teatro de Machado de Assis: 1860-1870: uma alternativa na dramaturgia brasileira*. [Tese de Doutorado] Belo Horizonte: UFMG, 2020. (Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/46556>>)

TAINÉ, H. *Derniers essais de critique et d'histoire*. 3. ed. Paris: Librairie Hachette, 1903.